

EDITORIAL

Apresentação do número temático sobre Filosofia Francesa

A revista *Philosophos* sempre esteve aberta à publicação tanto de números sobre temas diversos, dando ao conhecimento de seus leitores artigos relevantes que lhe são submetidos de acordo com um fluxo contínuo de publicação, como também costuma publicar números temáticos, nos quais temas filosóficos específicos ou autores da tradição são analisados por especialistas reconhecidos. O presente número é, por assim dizer, o encontro destas duas tendências editoriais. O leitor tem em suas mãos um número que, além dos artigos regularmente submetidos ao conselho editorial da revista, inclui um dossiê sobre a filosofia francesa contemporânea, o que mostra que a regularidade desta revista se coloca de fato a serviço da reflexão e da vocação de divulgar o trabalho de pesquisa de professores do Brasil e do exterior.

Na primeira seção são publicados dois artigos que, de algum modo, se entrecruzam em seus eixos temáticos. Ambos abordam o significado que assume a história da filosofia sob duas perspectivas bastante distintas: a do raciovitalismo de Ortega y Gasset, que é analisada por José Maurício de Carvalho no artigo “Ortega y Gasset e a tradição filosófica”; e a da leitura que Gérard Lebrun faz de Kant, que é o ponto de partida assumido por Núria Sanchez Madrid no artigo intitulado “Aporética da crítica: considerações sobre o vínculo entre retórica e razão a partir da leitura de Kant”.

Em seguida, o dossiê sobre a filosofia francesa contemporânea apresenta sete textos inéditos em que aspectos distintos do pensamento que marcou a filosofia na França a

partir do final do século XIX são analisados particularmente a partir de Merleau-Ponty, Sartre, Bergson, Bachelard, Camus e Ricoeur. Certamente não se pretende aqui esgotar o significado, nem tampouco a riqueza e os desdobramentos possíveis deste “estilo de pensamento” que acabou por se particularizar. Entretanto, se Michel Foucault tem razão – e achamos que tem – ao reconhecer, numa passagem já bastante conhecida, uma “linha de divisão” que atravessa todo o pensamento francês desta época, tendo, “de um lado, uma filiação que é a de Sartre e de Merleau-Ponty; em seguida uma outra, que é a de Cavailles, de Bachelard, de Koyré e de Canguilhem”¹, o dossiê que ora apresentamos ilustra bem ambas tendências. As origens desta divisão, afirma ainda Foucault, podem ser buscadas no século XIX, e aí, a figura central, diríamos nós, é Bergson. Foi essa tendência, que Frédéric Worms identificou como o “momento 1900”, que permitiu a entrada da fenomenologia na França, especialmente a de Husserl, via Koyré, mas Heidegger logo assumiu uma importância que ainda hoje se faz sentir.

Por fim, o presente número traz ainda uma resenha do primeiro volume das Obras Completas de Georges Canguilhem, que, esperamos, permitirá ao leitor ter uma visão geral do tom das ideias que marcaram esta fase da filosofia na França e que estendeu sua influência mundo afora. Os estudos filosóficos no Brasil, como bem sabemos, não puderam ficar imune ao vigor e à vitalidade do pensamento destes e bastantes outros filósofos.

Fábio Ferreira de Almeida
Goiânia, UFG

¹ FOUCAULT, Michel. “La vie: l’expérience et la science”. In: ___. *Dits et écrits II*. Paris: Gallimard, 2008, p. 1583.